

TEXTO PARA DISCUSSÃO Nº 1493

FELICIDADE, CASAMENTO E CHOQUES POSITIVOS DE RENDA: UM ESTUDO PARA O DISTRITO FEDERAL

**Alexandre Damasceno
Adolfo Sachsida**

TEXTO PARA DISCUSSÃO Nº 1493

FELICIDADE, CASAMENTO E CHOQUES POSITIVOS DE RENDA: UM ESTUDO PARA O DISTRITO FEDERAL

Alexandre Damasceno*
Adolfo Sachsida**

Rio de Janeiro, maio de 2010

* Analista Legislativo do Senado Federal.

** Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas – DIMAC/Ipea.

Governo Federal

**Secretaria de Assuntos Estratégicos da
Presidência da República**
Ministro Samuel Pinheiro Guimarães Neto

ipea Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

Fundação pública vinculada à Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais – possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiro – e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

Presidente
Marcio Pochmann

Diretor de Desenvolvimento Institucional
Fernando Ferreira

**Diretor de Estudos e Relações Econômicas
e Políticas Internacionais**
Mário Lisboa Theodoro

**Diretor de Estudos e Políticas do Estado,
das Instituições e da Democracia**
José Celso Pereira Cardoso Júnior

**Diretor de Estudos e Políticas
Macroeconômicas**
João Sicsú

**Diretora de Estudos e Políticas Regionais,
Urbanas e Ambientais**
Liana Maria da Frota Carleial

**Diretor de Estudos e Políticas Setoriais, de
Inovação, Regulação e Infraestrutura**
Márcio Wohlers de Almeida

Diretor de Estudos e Políticas Sociais
Jorge Abrahão de Castro

Chefe de Gabinete
Persio Marco Antonio Davison

Assessor-chefe de Imprensa e Comunicação
Daniel Castro

URL: <http://www.ipea.gov.br>
Ouvidoria: <http://www.ipea.gov.br/ouvidoria>

ISSN 1415-4765

JEL: D63, I31

TEXTO PARA DISCUSSÃO

Publicação cujo objetivo é divulgar resultados de estudos direta ou indiretamente desenvolvidos pelo Ipea, os quais, por sua relevância, levam informações para profissionais especializados e estabelecem um espaço para sugestões.

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e de inteira responsabilidade do(s) autor(es), não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

SUMÁRIO

SINOPSE

ABSTRACT

1 INTRODUÇÃO	7
2 O ESTUDO DA FELICIDADE	9
3 O ESTUDO DA FELICIDADE NO DISTRITO FEDERAL	16
4 ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS	19
5 RESULTADOS ECONÔMICOS	28
6 CONCLUSÕES	34
REFERÊNCIAS	35

SINOPSE

Por representar o próprio objetivo da vida para a maioria das pessoas, a felicidade é um dos objetos de maior interesse para a humanidade. Nos últimos anos, muitas ciências têm se dedicado ao estudo do tema, procurando identificar os elementos subjetivos determinantes do menor ou maior grau de felicidade das pessoas, medir sua real influência sobre a vida humana, conhecer a forma como aqueles elementos se correlacionam e os impactos que podem causar sobre a vida de cada um. No caso da economia, o grande número de pesquisas associadas à felicidade, desenvolvidas na última década, gerou o crescimento da literatura e dos bancos de dados disponíveis associados à satisfação e à felicidade dos indivíduos, ampliando as fronteiras do conhecimento na área. Este trabalho aplicou questionários junto a 1.521 pessoas, entre os dias 31/08/2009 e 28/10/2009, gerando uma base de dados atual, ampla e consistente, capaz de viabilizar diversos estudos científicos sobre a felicidade no âmbito do Distrito Federal.

ABSTRACTⁱ

This article collects data from 1,521 individuals living in the Distrito Federal (Brazil) in the period August/2009 to October/2009. The survey interviews individuals about their socio economic characteristics, happiness status and sexual activity. After that a multinomial logit model is estimated to verify the main determinants of happiness. The econometric results suggest that *i*) women are happier than men; *ii*) income is positively (and statistically significant) correlated with male's happiness, but it is statistically insignificant to explain female's happiness; *iii*) religious is important to explain female's happiness (but insignificant for male's); and *iv*) envy people are less happy than non-envy individuals.

i. *The versions in English of the abstracts of this series have not been edited by Ipea's editorial department.*
As versões em língua inglesa das sinopses (abstracts) desta coleção não são objeto de revisão do Editorial do Ipea.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história a felicidade vem sendo um dos objetos de maior interesse para a humanidade. Sua busca representa, para a maioria das pessoas, o próprio objetivo da vida, despertando, por força de sua enorme influência ao longo da existência da maior parte dos indivíduos, o interesse de diversas áreas da ciência, fazendo com que pesquisadores do mundo inteiro se debruçam de modo continuado sobre o assunto.

Apesar de a psicologia reunir as principais iniciativas voltadas ao estudo da felicidade, outras ciências, em maior ou menor grau, têm igualmente se preocupado com o tema, na tentativa de melhor compreender os mecanismos envolvidos na busca e manutenção da felicidade. No caso particular da economia, é importante notar que, ao longo do tempo, a felicidade teve, alternadamente, momentos de maior e de menor importância, desde a economia neoclássica até os dias de hoje.

Tendo apresentado, inicialmente, viés que apontava a importância do estudo dos fatores mais subjetivos da vida das pessoas, no início do segundo quarto do século XX, verificou-se uma tendência de abandonar esse tipo de abordagem, passando-se a trabalhar prioritariamente com base na observação de fatores mais objetivos (como a preferência dos indivíduos e seus mecanismos de escolha) durante o desenvolvimento de pesquisas econômicas de diversas naturezas.

Esse direcionamento, tomado ao longo da década de 1930, trouxe consigo ganhos muito importantes, entre os quais um grande aumento no volume de investigações científicas e significativa melhoria na metodologia utilizada nas pesquisas da área. Entretanto, por deixar de lado fatores subjetivos associados aos sentimentos dos indivíduos, desconsiderando as influências que os aspectos econômicos traziam para suas vidas interiores, o emprego de tanta objetividade passou a ser questionado fortemente no meio acadêmico.

A despeito da significativa evolução observada nesse período, estudos realizados no último quarto do século XX comprovaram que, apesar do grande crescimento econômico verificado em quase todos os países do mundo, iniciado na década de 1970, que permitiu a melhoria das condições econômicas das pessoas, notava-se com grande frequência o aumento de indicadores como tristeza e depressão, ao mesmo tempo que também se reforçava a importância dos relacionamentos interpessoais e de outras variáveis de natureza mais subjetiva, evidenciando a necessidade de nova inversão na tendência dos estudos econômicos.

Dessa forma, ao longo da década de 1970, a maneira como os estudos econômicos vinham sendo desenvolvidos sofreu ajustes, passando-se a admitir a necessidade de retomar a observação atenta de aspectos de natureza subjetiva, capazes de identificar de que modo e com que profundidade as variáveis envolvidas impactam a vida das pessoas em seus aspectos mais emocionais.

Acredita-se que, nos dias de hoje, a vida das pessoas será continuamente exposta a um crescente número de fatores cada vez menos sujeitos ao seu próprio controle. Por esse motivo, levando-se em conta que o dia a dia dos indivíduos sempre será afetado por esse ambiente em constante mutação, impõe-se fortemente a necessidade

de melhor conhecer as variáveis e cenários aí envolvidos, o que só pode ser alcançado a partir da realização de estudos específicos nessa área.

Justificam-se, assim, sobejamente, novos estudos voltados à felicidade humana, uma vez que maior e mais profundo conhecimento acerca desse universo pode vir a representar um dos primeiros passos na direção da melhoria da qualidade de vida das populações. Deve-se levar em conta, na oportunidade, que trabalhos desenvolvidos com esse objetivo podem vir a apontar caminhos mais eficientes e seguros, até então pouco explorados ou não conhecidos, para que se chegue à melhoria do nível de felicidade das pessoas.

Na esteira da necessidade de ampliar a divulgação dos estudos desenvolvidos nessa área assenta-se este artigo, que foi elaborado com o fim específico de apresentar alguns dos resultados obtidos a partir de investigação desenvolvida pelo mesmo autor, objetivando estudar a felicidade no âmbito do Distrito Federal.

Observe-se que a investigação ora referenciada teve como objeto central de pesquisa o nível de felicidade declarado por pessoa entrevistada, que foi avaliado sob a luz das diversas variáveis levantadas com o objetivo de se identificar os possíveis determinantes desse grau informado e a forma como as mesmas se correlacionam, abordando os aspectos de natureza social e emocional associados à felicidade. Sua importância foi reforçada, entre outros motivos, pela precariedade dos estudos existentes até o presente no Brasil, assim como pela total ausência de estudos realizados nessa área no Distrito Federal.

Considerando-se a inexistência de dados anteriormente coletados com esse propósito, tampouco a disponibilidade de dados de outras naturezas que pudessem ser utilizados – mesmo que precariamente – para a realização desse tipo de estudo, fez-se necessário estruturar uma base de dados específica para a investigação.

A pesquisa ocupou-se, então, da aplicação de questionários junto a 1.521 pessoas, entre os dias 31/08/2009 e 28/10/2009, coletando diversos dados acerca dos indivíduos entrevistados, tais como jornada de trabalho, renda, sexo, raça, estado civil, idade, número de filhos, região onde mora, escolaridade, hábitos pessoais, conceitos associados à felicidade, nível declarado de felicidade, possíveis reações acerca de práticas ilegais verificadas com grande frequência nos países em desenvolvimento, possível reação sob um significativo choque positivo de renda e comportamento sexual, entre outros.

O objetivo principal deste artigo é verificar quais variáveis têm o maior impacto sobre o nível de felicidade declarado do indivíduo. Para tanto, este estudo faz uso de um modelo multinomial *logit* que verifica o impacto de cada variável sobre o nível de felicidade declarado do entrevistado. De maneira geral, os resultados sugerem que os homens são mais infelizes do que as mulheres. Além disso, enquanto a renda tem efeito positivo e estatisticamente significativo sobre a felicidade dos homens, tal efeito não é significativo para o caso das mulheres. Por outro lado, a religiosidade é uma importante variável para determinar o nível de felicidade das mulheres. Contudo, religiosidade não é importante na equação de felicidade para homens. Interessante notarmos também que pessoas invejosas são mais infelizes. Além desta introdução, o texto apresenta na seção 2 uma revisão dos estudos sobre a felicidade. A seção 3

descreve a metodologia de coleta de dados. A seção 4 apresenta e comenta as estatísticas descritivas. A seção 5 estima o modelo multinomial *logit*. Por fim, a seção 6 conclui este estudo.

2 O ESTUDO DA FELICIDADE

A felicidade é vista como o objetivo central da vida para a maior parte da humanidade, pois todos, de um modo ou de outro, gostariam de ser felizes. Desde a Grécia antiga, até os dias de hoje, estudiosos do mundo inteiro, em diversas áreas do conhecimento, vêm se debruçando continuamente sobre o tema, na tentativa de melhor compreender os mecanismos envolvidos na busca e manutenção desse “estado de espírito”.

Buscando os primeiros conceitos conhecidos do termo felicidade, pode-se recorrer a Shikida e Rodrigues (2004), quando destacam que, segundo a filosofia clássica, o conceito de felicidade nasceu na Grécia antiga, onde Tales considerava felizes as pessoas que fossem fisicamente fortes e sadias e que também tivessem alma evoluída e de sucesso.

Abordar a felicidade em estudos de natureza científica não é tarefa das mais simples, por força da complexidade que o próprio entendimento do termo pode trazer. Para Corbi e Menezes-Filho (2006), “o termo felicidade pode ser associado a muitos conceitos e noções”. Entretanto, a despeito disso, faz-se necessário definir os possíveis entendimentos para o vocábulo, de modo que sua compreensão não fuja ao contexto pretendido pelo pesquisador.

Blanchflower e Oswald (2002) abordam a felicidade como o grau com o qual cada indivíduo classifica sua própria vida no que se refere a ser esta “mais” ou “menos” favorável àquilo que ele gostaria de estar vivendo. Em outra oportunidade, Blanchflower e Oswald (2004), tomam como definição objetiva de felicidade o grau com que cada indivíduo julga a qualidade de sua vida de modo amplo.

2.1 DIMENSÕES E PERCEPÇÃO DA FELICIDADE

A felicidade precisa ser observada sob as dimensões objetiva e subjetiva. A primeira delas repousa nos fatores que, apesar de poderem ser declarados pelos indivíduos pesquisados, também podem ser observados e aferidos por “alguém de fora”, ou seja, pelos observadores. São fatores de mais fácil verificação, geralmente atrelados a escalas numéricas cujos valores são de imediata atribuição, tais como renda individual, renda *per capita*, condições de habitação e jornada de trabalho, entre outras.

Para Corbi e Menezes-Filho (2006), a dimensão objetiva da felicidade pode ser apurada de forma pública, a partir da observação e tomada de medidas externas, podendo, assim, ser refletida por meio de indicadores numéricos. Por outro lado, a dimensão subjetiva da felicidade reflete as percepções internas de cada indivíduo sobre determinados itens, que somente podem ser coletadas, de modo mais legítimo, a partir das declarações feitas pelos mesmos. Entre esses itens se encontram o nível de satisfação com suas próprias vidas, sua identificação com o tipo de atividade profissional que desenvolvem e sua avaliação quanto ao nível de felicidade experimentado por eles próprios, entre outros. Observe-se que, para Corbi e Menezes-Filho (2006), a dimensão

subjetiva da felicidade é função da experiência de cada indivíduo, correspondendo aos juízos feitos por ele próprio acerca da vida que tem levado.

Haybron (2006) sugere que a satisfação com a vida é fortemente considerada um aspecto central do bem-estar da humanidade, devendo-se notar que, para muitos, esses conceitos estão intimamente ligados ao conceito de felicidade. Sendo assim, a satisfação com a vida é frequentemente identificada com a felicidade e universalmente costuma-se ver os valores de ambas como comparáveis.

Pelo exposto, observa-se claramente que o nível de felicidade dos indivíduos depende de fatores distintos que podem ser percebidos de maneiras diferentes. Essa percepção, por sua vez, depende das circunstâncias às quais a pessoa está submetida. Para Michalos (2007), a qualidade de vida ou bem-estar de um indivíduo – ou comunidade – é uma função das atuais condições de sua vida e o que a pessoa – ou comunidade – consegue fazer a partir dessas mesmas condições. Isso mostra, na verdade, que a forma como são percebidas as condições a que alguém está submetido é mais importante do que a situação objetiva propriamente dita.

2.2 A FELICIDADE NO CONTEXTO DA ECONOMIA

Apesar de as principais iniciativas voltadas ao estudo da felicidade em sua maioria estarem na área da psicologia, outras ciências, entre as quais a economia, também têm se preocupado com esse tema, notadamente ao longo dos últimos anos. Um olhar sobre a economia neoclássica comprova o fato de que, logo em seus primeiros passos, a economia abordou a questão da felicidade humana, incluindo diversos elementos subjetivos em seu campo de estudo, merecendo destaque a felicidade dos indivíduos e sua satisfação com a própria vida.

A despeito de, inicialmente, a economia ter apresentado viés que apontava a importância do estudo dos fatores mais subjetivos envolvidos na vida das pessoas, a partir da década de 1930 a economia passou a trabalhar prioritariamente com base na observação de fatores mais objetivos, como a preferência dos indivíduos e seus mecanismos de escolha.

Desde então verificou-se uma inquestionável evolução nas metodologias utilizadas nos estudos desta área, o que trouxe grande volume de ganhos científicos, notadamente por força do grande número de pesquisas viabilizadas pela maior objetividade com que os estudos são realizados.

Para Frey e Stutzer (2000), essa fase mais objetiva da economia baseou-se principalmente nas escolhas feitas pelos indivíduos, apoiando-se no fato de a utilidade para cada pessoa depender principalmente de bens e serviços tangíveis, influenciados diretamente pela renda.

Por deixar de lado os porquês de cada um dos fenômenos/eventos investigados, e dos sentimentos ou posições particulares dos indivíduos, essa estratégia trazia consigo o que para alguns representava importantes perdas qualitativas. Assim, os questionamentos acerca da excessiva objetividade dos estudos econômicos desenvolvidos à época geraram um clima propício à realização de pesquisas voltadas ao questionamento dessa visão, no ambiente de significativo crescimento econômico verificado a partir da década de 1970 em todo o mundo.

Durante esse esforço investigativo, mostrou-se que, apesar da melhoria das condições econômicas das pessoas, observava-se, com grande frequência, o aumento de indicadores como tristeza e depressão, ao mesmo tempo em que era reforçada pelas mesmas a importância dos relacionamentos interpessoais e de outras variáveis de natureza mais subjetiva.

Graham (2005) declara que as pequenas (ou nenhuma) variações observadas no nível de felicidade ante um aumento do nível de renda foram estudadas inicialmente por Richard Easterlin. Na década de 1970, esse autor constatou que, em diversos países, há uma grande coincidência entre as formas com as quais as pessoas gastam a maior parte de seu tempo, qual seja, trabalhar para garantir o sustento de suas famílias. Easterlin observou, também, que o aumento de felicidade declarado pelas pessoas não ocorre necessariamente quando há uma variação positiva de renda. Esse efeito ficou conhecido como *Easterlin paradox*.

A realidade visualizada, bastante distinta do que se imaginava à época, mostrou claramente que não mais se poderia esperar que o nível de satisfação dos indivíduos, acerca de suas próprias vidas, variasse somente com a renda individual ou familiar. Dessa forma, concluiu-se ser de grande importância que o estudo dos fatores de natureza econômica relacionados à vida das pessoas passasse a ocorrer de modo distinto daquele por meio do qual vinha se desenvolvendo, ou seja, não mais sob a ótica dos números de modo exclusivo. Ficava reforçada, assim, a necessidade de ajuste nessa forma de desenvolver pesquisas na área.

2.3 A ECONOMIA CONTEMPORÂNEA E O ESTUDO DA FELICIDADE

Do mesmo modo como qualquer outra ciência modifica seus métodos, técnicas e processos, sempre em busca da evolução, por força da nova realidade percebida a partir dos anos 1970, a maneira como os estudiosos das ciências econômicas vinham desenvolvendo pesquisas também passou por um significativo processo de ajustes.

Pelo fato de a perspectiva adotada até o início da década de 1970 pelos estudos econômicos parecer, para alguns pesquisadores, uma simplificação excessiva da realidade, passou-se a admitir a necessidade de retomar, em estudos de escopo econômico, a observação mais profunda de aspectos de natureza mais subjetiva, capazes de identificar de que modo e com que profundidade todas essas variáveis impactavam a vida do indivíduo do ponto de vista emocional.

Essa tendência materializou-se, na prática, já na década de 1970, embora de modo inicialmente tímido. Posteriormente ela iria marcar, de modo definitivo, o reinício das pesquisas empíricas acerca da felicidade humana no âmbito das ciências econômicas. Considerando que essas mudanças tendiam (e ainda tendem) a se tornar a cada dia mais frequentes, rápidas e profundas, acreditou-se (e ainda se acredita) que a vida das pessoas será continuamente exposta a um crescente número de fatores cada vez menos sujeitos a seu próprio controle. Dessa forma, levando-se em conta que o dia a dia dos indivíduos sempre será afetado por esse ambiente em constante mutação, impôs-se (e ainda se impõe) a necessidade de melhor conhecer as variáveis e cenários aí envolvidos, o que só pode ser materializado a partir da realização de estudos específicos nessa área.

É importante notar que essa evolução se deu, em certa medida, de forma atípica, uma vez que a economia tradicionalmente se comporta de modo muito estável e conservador. Para Frey (2008), é muito rara a ocorrência de desenvolvimentos revolucionários na economia, pois o conservadorismo na área e a grande aceitação dos conhecimentos já consolidados tornam muito difícil a introdução de novas linhas de pesquisa; entretanto, o estudo da felicidade vem mostrando potencial para mudar substancialmente essa ciência, uma vez que pode ser considerado revolucionário sob diversos aspectos.

Para melhor dar a conhecer alguns dos aspectos anteriormente mencionados, deve-se destacar que, ainda segundo Frey (2008), o primeiro deles está relacionado à aplicação do conceito de utilidade em conjunto com ferramentas adotadas por psicólogos para medir o bem-estar (fator subjetivo). O segundo está ligado às novas ideias acerca do modo pelo qual as pessoas avaliam os bens, os serviços e outros valores de natureza emocional. O terceiro, por sua vez, está associado aos impactos que esses novos conhecimentos podem gerar sobre as políticas públicas dos governos.

2.4 A ECONOMIA E A AMPLIAÇÃO DO ESTUDO DA FELICIDADE

A partir do início dos anos 1970, foi retomado, de modo crescente, o desenvolvimento de estudos com as novas características assumidas pela economia, entre os quais a ênfase nos aspectos emocionais e sociais dos indivíduos. A partir dessa mudança, vem sendo produzido um importante e novo conjunto de conhecimentos cujas fronteiras se expandem em grande velocidade até o presente. A felicidade, nesse contexto, passa a ser entendida e estudada como um composto que envolve variáveis de natureza tanto objetiva quanto subjetiva, conforme detalhamento anterior.

Nesse ambiente, muitos pesquisadores da área econômica vêm adotando, em especial nos últimos dez anos, posição que leva seus estudos ao encontro da necessidade de melhor conhecer o comportamento de algumas das variáveis envolvidas na vida dos seres humanos, o modo como se correlacionam e quais as principais consequências trazidas por esses fatores à vida de cada um.

Com o objetivo de ratificar essa afirmação, pode-se recorrer a Clark, Frijters e Shields (2008), que destacam que o estudo das causas e assuntos correlacionados à felicidade humana têm se tornado um dos “temas quentes” nos estudos da área econômica na última década, tendo a correspondente literatura crescido a uma taxa exponencial, tanto em volume quanto em profundidade na abordagem do tema.

Para Blanchflower e Oswald (2007a), uma vasta literatura sobre os determinantes da felicidade e o bem-estar psicológico vem surgindo, devendo-se destacar que esse tema tem atraído a atenção de médicos, estatísticos, psicólogos, economistas e pesquisadores de outras áreas. Outros autores reforçam de modo significativo essa ideia, entre os quais Ballas e Dorling (2007), que afirmam que, mais recentemente, muitas áreas (entre as quais neurociência, psicologia, psiquiatria, economia e políticas sociais) têm registrado numerosas tentativas de quantificar a felicidade em vários contextos.

Assim, considerando que parte dos esforços dos estudiosos, inclusive de outras áreas, têm se voltado para os aspectos de natureza social e emocional associados à felicidade, percebe-se que um maior volume de dados com esse caráter vem sendo

coletado e estudado, servindo de base para os diversos estudos na área. Deve-se notar que esses dados, quando associados aos de natureza mais econômica, tradicionalmente trabalhados, podem, com maior profundidade e precisão, apontar os efetivos pesos e impactos de cada uma das variáveis estudadas na vida das pessoas, trazendo a importante ampliação das fronteiras do conhecimento até recentemente assumidas na área.

Blanchflower e Oswald (2002), a esse respeito, destacam que existem algumas bases de dados sobre bem-estar coletadas ao longo do tempo, que foram intensivamente utilizadas pelos psicólogos, um pouco exploradas por sociólogos e cientistas políticos e até recentemente ignoradas pelos economistas; entretanto, esse quadro vem mudando. Para Frey e Stutzer (2000), os economistas acordaram para o fato de que a felicidade é um conceito interessante e empiricamente relevante para sua área de trabalho.

Tomando essa mesma direção, Shikida e Rodrigues (2004), por sua vez, destacam que “o número de pesquisadores que estão tentando medir o quanto vale a felicidade, no sentido de sua relação com a economia, vem aumentando nos últimos anos”.

Mostra-se inquestionável, assim, a mudança de cenário em favor da ampliação do volume e da qualidade dos estudos voltados à felicidade realizados no âmbito da economia, fato reforçado por Blanchflower e Oswald (2004), quando declaram que um novo campo da economia vem examinando os determinantes empíricos da felicidade.

2.5 IMPORTÂNCIA E CONTRIBUIÇÃO DOS ESTUDOS NA ÁREA

O desenvolvimento de pesquisas científicas não se justifica senão pelo potencial de contribuição que elas podem trazer de modo direto ou indireto à humanidade. Buscando identificar, preliminarmente, a importância desta pesquisa em particular, pode-se recorrer a Corbi e Menezes-Filho (2006), quando textualmente afirmam que “um estudo desse tipo pode ser útil de diversas maneiras. Políticas sociais, por exemplo, implicam custos para alguns indivíduos e, dessa forma, faz-se necessária uma avaliação dos efeitos líquidos dessas ações em termos de utilidades individuais (felicidade)”.

No que se refere a validade e potencial de emprego dos conhecimentos gerados a partir de pesquisas associadas ao tema central deste trabalho, Praag (2007) destaca que, depois de ser ignorada pelos economistas por muito tempo, a felicidade está se tornando objeto de pesquisas econômicas sérias no século XXI, chegando-se a ponto de, nos últimos anos, as ciências econômicas estarem passando por uma revolução por força da adoção desse tema que tem se tornado importante tanto para a economia quanto para as políticas públicas.

Do mesmo modo, a visão acerca da empregabilidade dos conhecimentos oriundos desse tipo de estudo para a vida das pessoas e para a ciência, notadamente na área de políticas sociais e de economia, é reforçada por Blanchflower e Oswald (2007a), para quem, visando assegurar a efetividade das políticas sociais e econômicas, é necessário que os formuladores das mesmas conheçam as medidas do bem-estar dos seres humanos.

Ainda tratando da utilidade dessas pesquisas, sob horizonte mais amplo, deve-se destacar que para Norrish e Vella-Brodrick (2007), os benefícios que podem advir de

pesquisas direcionadas à viabilização do aumento da felicidade incluem, além da melhoria do bem-estar, o aumento da saúde social, psicológica e física dos indivíduos.

De modo complementar, para Corbi e Menezes-Filho (2006), esse tipo de pesquisa “pode também contribuir para a resolução de paradoxos empíricos que a teoria econômica convencional tem dificuldades para explicar”, como por exemplo, a aparente contradição entre o grande aumento de renda verificado em muitos países após a Segunda Guerra e a manutenção (e até queda, em alguns casos) do nível de bem-estar das pessoas durante o mesmo período, o que já foi mencionado anteriormente.

2.6 MECANISMOS DO DESENVOLVIMENTO DE PESQUISAS

Por se tratar de uma área de estudo profundamente influenciada por fatores de natureza subjetiva, o estudo do bem-estar e da felicidade humana – esforço indiscutivelmente complexo – precisa ser cercado de cuidados e significativa atenção, especialmente por possuir grande potencial de gerar importantes impactos sobre a vida dos indivíduos. Para Blanchflower e Oswald (2007b), avaliar o bem-estar psicológico é, de modo geral, uma tarefa complicada.

Nesse contexto, o desenvolvimento de pesquisas implica a adoção de um conjunto de métodos, técnicas e procedimentos adequados a cada tipo de investigação científica. Para Corbi e Menezes-Filho (2006), não se pode medir a felicidade do mesmo modo como se apuram valores correspondentes a variáveis objetivas como altura, peso etc.

Quando as pesquisas em desenvolvimento estão associadas a áreas onde se verifica uma grande subjetividade nos dados a serem coletados, como no caso dos estudos sobre a felicidade, surgem importantes complicadores – que somente podem ser minorados com a ampliação da amostra coletada. Para Frey e Stutzer (2000), a felicidade e a satisfação dos indivíduos com suas vidas somente podem ser capturadas por meio de grandes pesquisas.

Os mecanismos para que, com base em uma pesquisa como esta, se possa chegar às conclusões desejadas acerca da felicidade humana são conceitualmente muito simples. A partir da observação sistemática dos indivíduos que compõem determinada população, identificam-se, entre os diversos fatores associados à vida de cada pessoa, aqueles que, separada ou conjuntamente, podem ser considerados os maiores determinantes da felicidade individual.

Deve-se observar, entretanto, que, apesar dessa aparente simplicidade, os métodos utilizados para a coleta desse tipo de dados, embora já sejam fartamente aceitos pela comunidade científica, ainda enfrentam questionamentos. Faz-se necessário respeitar opiniões contrárias a esses mecanismos; entretanto, não se pode ignorar que não é conhecida qualquer outra forma mais concreta de aferir o nível de felicidade das pessoas.

Para Corbi e Menezes-Filho (2006), a maneira pela qual os estudos associados à felicidade vêm sendo desenvolvidos (baseada em questionários e entrevistas) gera muitas dúvidas acerca do emprego desse tipo de metodologia. Tais dúvidas, entretanto, não são suficientes para desqualificar os estudos dessa natureza.

É fato que ainda existem discussões acerca da utilização desse tipo de metodologia de coleta de dados, mas, apesar disso, é inegável a necessidade de seu emprego. Afirmarções de diversos pesquisadores reforçam essa ideia, fazendo-se interessante destacar que, para Blanchflower e Oswald (2004), apesar do risco de existirem vieses nos dados subjetivos coletados junto a respondentes, não seria plausível a ideia de que se poderia compreender a felicidade sem ouvir o que as pessoas dizem sobre suas próprias vidas e seus níveis de felicidade.

Outros estudiosos, apesar de fortalecerem a necessidade do emprego desse tipo de mecanismos de coleta, alertam para os problemas que podem advir do seu emprego. Para que a força desse pensamento fique suficientemente evidente, pode-se recorrer a Corbi e Menezes-Filho (2006), para quem o principal desafio para a realização de estudos com essas características é exatamente a obtenção de dados e informações empíricas confiáveis, uma vez que essa fidedignidade depende diretamente da avaliação própria de cada indivíduo; entretanto, os mesmos autores acreditam que as pessoas são os melhores avaliadores possíveis de sua própria felicidade.

O ponto de vista a partir do qual se acredita que as pessoas são capazes de fazer correto juízo das coisas subjetivas que as afetam, usando de toda a subjetividade possível, é igualmente defendido por outros autores. Para Frey e Stutzer (2000), a visão subjetiva da utilidade adotada nos dias de hoje reconhece que cada pessoa possui suas próprias opiniões sobre a felicidade e sobre o que considera uma boa vida, o que torna o comportamento observado um indicador incompleto para o bem-estar.

Observa-se, assim, que o número de estudiosos que atualmente não colocam qualquer restrição à coleta de dados subjetivos junto à população estudada já é bastante grande. Aos pontos de vista anteriores, soma-se também a visão de Di Tella e MacCulloch (2005), para quem se pode acreditar na habilidade dos indivíduos de formular suas próprias opiniões sobre aquilo que lhes é perguntado, inclusive sobre seu bem-estar, pois eles possuem plenas condições de associar todas as informações relevantes para essa atividade.

Outros estudos, embora também reconheçam certa fragilidade nesse processo de coleta de dados, reforçam com grande veemência sua utilidade e necessidade. Para Blanchflower (2008), considerando que os dados levantados nessa área são baseados em julgamentos pessoais, é possível que tragam consigo alguns vieses. Apesar disso, segundo o mesmo autor, isso faz com que não se possam considerar esses valores para comparações absolutas entre os indivíduos; entretanto, nada impede que os mesmos possam ser utilizados para a identificação dos fatores determinantes da felicidade.

Deve-se observar que, no caso de investigações como a que dá origem a esta tese, amplamente dependentes de dados que carregam consigo grande subjetividade, é natural o receio de que as declarações feitas pelos respondentes pudessem trazer riscos à qualidade dos estudos feitos. É importante destacar, entretanto, que, a despeito dessa subjetividade, já existem motivos suficientes para tranquilizar os pesquisadores envolvidos, pois, além das colocações feitas nesse sentido por diversos autores, já apresentadas, ao longo do tempo vem sendo registrada grande similaridade entre as respostas dadas por pessoas entrevistadas em lugares e oportunidades distintas – pessoas submetidas a condições de vidas semelhantes. Esse fato fortalece a validade da utilização desse tipo de dado em estudos como este.

Assim, superadas as principais discussões acerca da validade dos mecanismos de coleta de dados empregados nesse tipo de investigação, faz-se necessário complementar a visão que estudiosos possuem especificamente sobre a forma como a felicidade é abordada para efeito do levantamento de dados feito durante as entrevistas. Para Frey e Stutzer (2000), a abordagem subjetiva atualmente dada à utilidade gera um fértil campo de estudos por vários motivos. Em primeiro lugar porque a subjetividade do bem-estar o torna um conceito muito mais amplo do que a objetividade das decisões exclusivamente associadas à utilidade, pois envolve variáveis presentes e passadas; e, em segundo lugar, porque o estudo da felicidade vem levando os pesquisadores a auscultar diretamente o que as pessoas pensam.

3 O ESTUDO DA FELICIDADE NO DISTRITO FEDERAL

A realização de um trabalho de natureza científica geralmente implica significativas inovações, que podem ser viabilizadas a partir de um eventual novo contexto ou universo em que se dá a pesquisa associada, de inovadores objetivos – geral e específicos – buscados, ou até mesmo a partir de novos materiais e métodos utilizados. Foi nesse cenário que surgiu a necessidade de se desenvolver uma investigação científica com fim específico de estudar a felicidade no âmbito do Distrito Federal – trabalho diretamente associado a este artigo.

O trabalho referenciado teve como objeto central de pesquisa o nível de felicidade declarado por pessoas entrevistadas e avaliado sob a luz das diversas variáveis levantadas, com o objetivo de se identificar os possíveis determinantes do grau informado e a forma como as mesmas se correlacionam, abordando os aspectos de natureza social e emocional associados à felicidade. Sua importância foi reforçada, entre outros motivos, pela precariedade dos estudos existentes até o presente no Brasil, assim como pela total ausência deles, nessa área, no Distrito Federal.

3.1 A COLETA DE DADOS REALIZADA

Para que o desenvolvimento da investigação em tela fosse viabilizado, o trabalho foi planejado tendo como um de seus objetivos específicos a geração de uma base de dados atual, ampla e consistente, capaz de viabilizar sólidos estudos sobre a felicidade no âmbito do Distrito Federal. Assim, uma das etapas cumpridas ocupou-se da aplicação de questionários junto a 1.521 pessoas.

Os questionários foram aplicados no período compreendido entre os dias 31/08/2009 e 28/10/2009, ao longo de todo o dia, por entrevistadores treinados com o objetivo de coletar dados do modo mais discreto possível, de modo que as pessoas não sentissem constrangimento ao responder as perguntas formuladas.

O público-alvo da pesquisa foi definido como indivíduos adultos de ambos os sexos, abordados em locais de grande circulação de pessoas no Distrito Federal. Como forma de assegurar uma amostra representativa da população do Distrito Federal, foram escolhidos, para a aplicação dos questionários, locais como rodoviárias, paradas de ônibus, hospitais de referência, *shopping centers*, hipermercados, faculdades e universidades, tanto do Plano Piloto quanto de grandes cidades-satélites.

O instrumento de coleta utilizado foi composto de 27 questões, de diversas naturezas, subdivididas em três blocos: *i*) dados profissionais – 6 itens; *ii*) dados pessoais – 19 itens; e *iii*) dados a serem preenchidos pelo próprio entrevistado – 2 itens.

Merece destaque o terceiro bloco de dados, que é preenchido pelo próprio entrevistado. De início, causa estranheza o fato de apenas duas das questões não serem respondidas oralmente pelo entrevistado, mas se faz necessário destacar que essa decisão foi derivada das observações realizadas durante a etapa de pré-teste do questionário.

Ocorre que, pelo fato de essas duas perguntas (a primeira associada à frequência sexual semanal do indivíduo e a segunda ao número de parceiros que ele teve nos últimos 12 meses) estarem diretamente associadas ao comportamento sexual do entrevistado, percebeu-se uma natural inibição imediatamente após a apresentação de cada uma das duas perguntas.

A esse respeito, é importante destacar que a maioria das pessoas, abordadas na etapa de testes, disse, de imediato, que não responderia esse tipo de pergunta, enquanto outras baixavam o tom de voz ao responder às indagações, chegando a posicionar-se bem próximo ao entrevistador para declarar sua resposta. Assim, como forma de evitar constranger os respondentes, aumentando, ao mesmo tempo, a probabilidade de obter respostas mais confiáveis, optou-se por criar um bloco específico para as duas questões, que passaram a ser assinaladas ou apontadas pelos próprios entrevistados na prancheta do entrevistador.

3.2 DETALHAMENTO DO QUESTIONÁRIO APLICADO

O formulário utilizado para a coleta de dados (ver apêndice) foi composto de 27 itens, subdivididos em três blocos: *i*) dados profissionais; *ii*) dados pessoais; e *iii*) dados a serem preenchidos pelo próprio entrevistado. Nesta subseção os itens levantados serão apresentados de acordo com o bloco de dados em que foram inseridos, sendo acompanhados das principais considerações necessárias à compreensão da utilização de cada um deles na etapa de análise de dados abordada na seção 4.

3.2.1 Dados profissionais – primeiro bloco

Esse bloco de dados foi concebido com o objetivo de levantar informações associadas à vida profissional dos entrevistados. São relacionadas, a seguir, as questões formuladas com o objetivo de compor o primeiro bloco de dados do questionário elaborado com fins de coleta de dados. Observe-se que o bloco em tela é composto por 6 questões, sendo duas abertas e as demais fechadas, com alternativas previamente definidas que não serão apontadas nesta parte do trabalho. As alternativas apresentadas, no caso das questões fechadas, podem ser vistas no formulário de coleta de dados da pesquisa (ver apêndice).

- 1) Quantas horas você trabalha por semana?
- 2) Qual sua faixa salarial?
- 3) Você trabalha no setor formal?
- 4) É servidor público?

- 5) É sindicalizado?
- 6) Começou a trabalhar com que idade?

3.2.2 Dados pessoais – segundo bloco

Esse bloco de dados foi concebido com o objetivo de coletar informações pessoais associadas à vida dos entrevistados. Por se tratar de um bloco de dados significativamente maior, os dados coletados foram definidos de modo a atender ao cumprimento de diversos objetivos. Os dados que compõem esse bloco, para fins didáticos, podem ser subdivididos em dois subgrupos. O primeiro subgrupo corresponde a informações mais objetivas, enquanto o segundo contém questões mais impregnadas de subjetividade.

São relacionadas, a seguir, as questões formuladas com o objetivo de compor o segundo bloco de dados do questionário elaborado com fins de coleta de dados. Observe-se que o bloco em tela é composto por 19 questões, sendo três abertas e as demais fechadas, com alternativas previamente definidas que não serão apontadas nesta parte do trabalho. Também em relação a esse bloco, as alternativas apresentadas, no caso das questões fechadas, podem ser vistas no formulário de coleta de dados da pesquisa (ver apêndice).

- 1) Sexo.
- 2) Qual sua raça?
- 3) Qual seu estado civil?
- 4) Quantos anos você tem?
- 4) Qual sua idade?
- 6) Mora no Plano Piloto?
- 7) Qual sua escolaridade?
- 8) Quantos anos de estudo formal você tem?
- 9) Você visita ou frequenta igreja ou culto religioso?
- 10) Você fuma regularmente?
- 11) Você ingere bebidas alcoólicas regularmente?
- 12) Quem você acha que foi mais feliz ao longo da vida, sua mãe ou sua avó?
- 13) Você se considera mais feliz do que era cinco anos atrás?
- 14) Para você felicidade está mais associada a quê?
- 15) Quando uma pessoa famosa tem prejuízos sua felicidade aumenta?
- 16) Se você fosse um político, aceitaria suborno de R\$ 100.000,00?
- 17) Se você fosse um político aceitaria a troca de favores ilegais?
- 18) Se você ganhasse na Mega-Sena, continuaria com o mesmo parceiro?
- 19) Como você classifica seu grau de felicidade?

3.2.3 Questões a responder de próprio punho – terceiro bloco

Esse bloco de dados foi concebido tendo como objetivo principal a apresentação contígua das duas questões que, durante a fase de pré-teste do questionário a ser utilizado como instrumento de coleta de dados, geraram constrangimento junto aos entrevistados.

São relacionadas, a seguir, as duas questões formuladas com o objetivo de compor o terceiro bloco de dados do questionário em tela. Observe-se que o mesmo é composto por apenas duas questões, sendo ambas fechadas. Do mesmo modo que nos demais blocos, as alternativas correspondentes às questões fechadas não serão apresentadas nessa etapa da tese, podendo ser vistas no formulário de coleta de dados da pesquisa (ver apêndice).

- 1) Qual é sua frequência sexual por semana?
- 2) Quantos parceiros sexuais você teve nos últimos 12 meses?

4 ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS

A tabela 1 mostra as estatísticas descritivas de parte das variáveis utilizadas neste estudo. Na média, as pessoas presentes em nossa amostra trabalham 37 horas por semana, sendo que 77,6% delas estão no setor formal, 18,5% são funcionários públicos e 42,8% são sindicalizadas. Na média, os indivíduos entrevistados começaram a trabalhar com 17 anos de idade. Ainda de acordo com a tabela 1, nossa amostra é composta por 46,6% de homens, 40,6% de brancos, e 40% de casados. Além disso, temos que 47,1% têm filhos e na média estão com 30 anos e meio.

Alguns dados presentes na tabela 1 merecem atenção especial. O principal deles refere-se a uma pergunta simples: quem você considera mais feliz, sua mãe ou sua avó? Uma parte expressiva dos entrevistados (27,7%) considerou sua avó mais feliz do que sua mãe. Isso quer dizer que mais de um em cada quatro avós foi mais feliz do que sua filha. Dados os grandes avanços nos direitos das mulheres obtidos ao longo dos últimos 30 anos – adicionados ao progresso tecnológico e ao aumento expressivo no padrão de vida –, seria de se esperar que praticamente todas as mães tivessem sido consideradas mais felizes do que as avós. Contudo, os dados parecem revelar uma grande insatisfação de parcela expressiva das mulheres. Indicando que muitas delas preferiam viver na época de suas avós, com menos direitos mas com uma regra bem definida para a função da mulher, do que na época de suas mães (com mais direitos, mas com uma regra ainda não definida da função da mulher).

De maneira interessante, 73,8% dos entrevistados se dizem mais felizes hoje do que há cinco anos. Isso implica que 26,2% dos indivíduos preferiam sua vida e rotina de cinco anos atrás à sua vida de hoje. Sobre o grau de permissividade das pessoas entrevistadas, temos que apenas 13,6% delas aceitariam R\$ 100 mil de suborno. Contudo, esse número salta para incríveis 27,1% no que tange às pessoas que aceitariam favores ilegais (tipo nomeação de parentes quando tal prática é proibida). Também podemos notar que 81,4% dos entrevistados permaneceriam com seus parceiros atuais caso ganhassem R\$ 10 milhões na Mega-Sena. Isto é, 18,6% dos

entrevistados trocariam de parceiros em decorrência de um choque positivo e inesperado de renda.

TABELA 1
Estatísticas descritivas

Variável	Média
Jornada média de trabalho	37,16 (13,29)
Formal	77,62%
Público	18,53%
Sindicalizado	42,89%
Idade em que começou a trabalhar	16,96 (3,23)
Homem	46,66%
Branco	40,68%
Casado	40,03%
Tem filhos	47,14%
Idade atual	30,57 (10,43)
Mora no Plano Piloto	26,28%
Anos de estudo	13,74 (4,61)
Religião	65,32%
Fuma	11,04%
Bebe	32,99%
A mãe foi mais feliz do que a avó	72,32%
É mais feliz hoje do que há cinco anos	73,80%
Aceitaria suborno	13,64%
Aceitaria favores ilegais	27,17%
Continuaria com o parceiro atual se ganhasse na Mega-Sena	81,42%

Nota: Os valores entre parênteses representam os desvios-padrão.

A tabela 2 revela o nível de felicidade dos entrevistados. De acordo com os dados, temos que 3,8% dos entrevistados se consideram muito infelizes. Além disso, outros 2% se consideram infelizes. No outro extremo, temos que 27,1% dos indivíduos da amostra se consideram muito felizes.

Mas o que é felicidade? A tabela 2A traz a opinião do que as pessoas consideram como sendo felicidade. Para a grande maioria, felicidade está associada à realização pessoal (38,4%) e à realização familiar (33,5%). Interessante notar que apenas 9% dos entrevistados associam a felicidade a acabar com dois dos mais graves problemas sociais que assolam a sociedade brasileira: a fome e a violência. Ainda para 2% dos entrevistados, estes ficariam mais felizes caso seu time fosse campeão do que se o problema da fome e violência fosse resolvido no Brasil.

TABELA 2
Nível de felicidade dos entrevistados
 (Em %)

Nível de felicidade	Frequência relativa
Muito infeliz	3,86
Infeliz	2,06
Pouco feliz	8,40
Feliz	58,53
Muito feliz	27,16

TABELA 2A
O que é felicidade?
 (Em %)

Para você, felicidade está associada a:	Frequência
Realização profissional	17
Realização pessoal	38,45
Realização familiar	33,48
Ver seu time ser campeão	2,06
Acabar com a fome e a violência no Brasil	9,01

A tabela 2B mostra que para boa parte dos entrevistados o fracasso dos outros é “colírio para os olhos”. Fizemos a seguinte pergunta: “Quando uma pessoa famosa, que você não conhece e que não pode lhe fazer mal, como Romário ou Vera Fisher, tem um prejuízo financeiro, seu nível de felicidade aumenta?”. As respostas indicam que 3,8% dos entrevistados sempre experimentam um aumento em seu bem-estar em decorrência do fracasso de outros. Além disso, outros 6,9% responderam que, às vezes, ficam felizes com a desgraça alheia. Resumindo: quase 11% dos entrevistados sentem algum prazer com o fracasso de pessoas famosas.

TABELA 2B
O fracasso dos outros lhe dá prazer?
 (Em %)

Quando uma pessoa famosa, que você não conhece e que não pode lhe fazer mal, como Romário ou Vera Fisher, tem um prejuízo financeiro, seu nível de felicidade aumenta?	Frequência
Sim, sempre	3,79
Às vezes, sim	6,88
Nunca	89,33

Será que dinheiro traz felicidade? A tabela 3 relaciona o nível de renda com o nível de felicidade dos entrevistados. Temos que os mais pobres de nossa amostra também apresentam o menor nível de felicidade. Por exemplo, entre os indivíduos que recebem menos de R\$ 500 por mês 5,4% deles se declararam muito infelizes. Este número cai para 4% entre os que ganham mais de R\$ 5.000 por mês. Entre os

indivíduos que ganham menos de R\$ 500/mês, 7,4% deles se declararam infelizes ou muito infelizes, este número se reduz para 5,3% quando analisamos os indivíduos da classe de renda mais alta. Olhando o extremo oposto, isto é, os indivíduos que se declararam felizes ou muito felizes, temos que nessa classe de felicidade estão 84,2% das pessoas que recebem menos de R\$ 500/mês. Contudo, este número sobe para 88,5% quando fazemos a mesma análise para indivíduos que recebem mais de R\$ 5.000/mês. Dessa maneira, temos alguns indícios de que rendas mais elevadas podem estar associadas a níveis mais altos de felicidade.

TABELA 3
Renda e felicidade
(Em %)

Renda mensal (R\$)	Muito infeliz	Infeliz	Pouco feliz	Feliz	Muito feliz
Inferior a 500	5,4	2	8,3	56	28,2
Entre 501 e 1.000	2,8	2,8	9,5	59,7	25,1
Entre 1.001 e 2.000	3,6	1	10,8	60,6	23,8
Entre 2.001 e 3.000	4,6	2,3	10,3	49,4	33,3
Entre 3.001 e 5.000	3,6	2,1	3,6	62,8	27,8
Superior a 5.000	4	1,3	6,1	58,1	30,4

Um antigo ditado popular diz que as mentes desocupadas se preocupam com besteiras. A tabela 4 verifica se o nível de felicidade das pessoas está associado a uma jornada de trabalho mais ou menos extensa. De acordo com a tabela 4, a maior concentração de indivíduos muito infelizes se dá justamente entre pessoas com as menores jornadas de trabalho. Isto é, 7,1% dos indivíduos com jornada semanal de trabalho inferior a 10 horas por semana se declararam muito infelizes. Somando este número ao dos indivíduos que se declararam infelizes, temos que 8,3% das pessoas com uma jornada de trabalho inferior a 10 horas por semana se declararam muito infelizes ou infelizes. Este mesmo número atinge 9,5% para trabalhadores com uma carga semanal de trabalho entre 10 horas e 20 horas. No extremo oposto temos que apenas 4,4% dos indivíduos com uma carga semanal de trabalho superior a 50 horas se declararam muito infelizes ou infelizes. De maneira interessante, o nível de felicidade parece aumentar com a quantidade de horas trabalhadas, a única exceção ocorre para indivíduos com uma jornada de trabalho entre 40 e 50 horas semanais (o que pode indicar um descontentamento com a jornada semanal de 44 horas).

Ainda de acordo com os dados presentes na tabela 4, 88,2% dos indivíduos que trabalham mais de 50 horas por semana se declararam felizes ou muito felizes. Esse número se reduz para 80,9% para trabalhadores com uma jornada semanal entre 10 horas e 20 horas. De maneira curiosa, 82,1% dos indivíduos que têm jornada semanal inferior a 10 horas se disseram felizes ou muito felizes. Dessa maneira, esse grupo parece ter um nível de satisfação pela sua vida superior ao dos indivíduos que trabalham entre 40 horas e 50 horas por semana. Em termos técnicos, isso pode indicar algum grau de não linearidade entre felicidade e duração da jornada de trabalho.

TABELA 4
Felicidade e duração da jornada semanal de trabalho
 (Em%)

Jornada semanal	Muito infeliz	Infeliz	Pouco feliz	Feliz	Muito feliz
Jornada <= 10 horas	7,1	1,2	9,5	57,1	25
10 < jornada <= 20 horas	6,3	3,2	9,5	33,3	47,6
20 < jornada <= 30 horas	4	1,1	8,5	62,5	23,9
30 < jornada <= 40 horas	2,5	1,9	7,3	59,4	28,7
40 < jornada <= 50 horas	5,4	2,7	10	60,1	21,8
Jornada > 50 horas	1,5	2,9	7,3	60,3	27,9

Qual é o efeito da garantia das leis trabalhistas sobre o nível de felicidade de uma pessoa? Será que estar amparado pela Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) propicia um grau mais elevado de felicidade? A tabela 5 mostra a relação entre felicidade e relações de trabalho formais. Isto é, será que indivíduos que tenham a carteira de trabalho assinada são mais felizes? De acordo com as informações presentes na tabela 5, temos que 6,9% dos trabalhadores do setor informal se disseram infelizes ou muito infelizes contra 5,6% dos trabalhadores do setor formal. Na outra ponta da tabela 5 temos que 81,9% dos trabalhadores do setor informal responderam que são felizes ou muito felizes, mas esse número sobe para 86,7% quando nos referimos aos trabalhadores do setor formal. Dessa maneira, parece que a garantia de estar amparado pelas leis trabalhistas fornece uma melhor qualidade de vida, aumentando o nível de felicidade do trabalhador. Mas é importante ressaltar que a diferença nas respostas é pequena, ou seja, a magnitude do efeito da carteira assinada sobre a felicidade do trabalhador não é tão alta quanto seria de se esperar.

TABELA 5
Felicidade e proteção pelas leis trabalhistas
 (Em %)

Carteira de trabalho assinada	Muito infeliz	Infeliz	Pouco feliz	Feliz	Muito feliz
Não (setor informal)	5,8	1,1	11,1	56,5	25,4
Sim (setor formal)	3,3	2,3	7,5	58,9	27,8

Dadas as características do Distrito Federal, onde o setor público tem um peso grande, é interessante tentarmos associar o grau de felicidade ao fato de a pessoa desfrutar da estabilidade do funcionalismo público. Isto é, será que funcionários públicos têm um nível de felicidade superior aos trabalhadores do setor privado? A tabela 6 tenta responder essa questão. De maneira surpreendente 9% dos funcionários públicos se dizem muito infelizes e infelizes, contra apenas 3,6% dos trabalhadores do setor privado. Talvez a rotina, a falta de dinamismo e a escassez de oportunidades para inovar imponham um alto grau de insatisfação a determinada parte dos funcionários públicos. Contudo, na parte oposta da tabela 6, os números são parecidos: 87% dos trabalhadores do setor privado se dizem felizes ou muito felizes, para os funcionários públicos esse número é de 86%. Interessante notar os

extremos do setor público: enquanto 32% dos funcionários públicos se consideram muito felizes, 7% se consideram muito infelizes.

TABELA 6
Nível de felicidade e características do empregador
(Em %)

Funcionário público	Muito infeliz	Infeliz	Pouco feliz	Feliz	Muito feliz
Não	1,6	2	10,4	63,5	22,5
Sim	7	2	5	54	32

Será que a idade em que o trabalhador começou a trabalhar afeta seu nível de felicidade? A tabela 7 relaciona o nível de felicidade com a idade em que o trabalhador começou a trabalhar. Temos que 9,2% dos trabalhadores que começaram a trabalhar antes dos 12 anos de idade se declararam infelizes ou muito infelizes. Contudo, esse número sobe para 11,1% no caso dos trabalhadores que começaram a trabalhar após os 25 anos de idade. Os trabalhadores que apresentam os níveis de felicidade mais altos são aqueles que começaram a trabalhar entre 17 e 25 anos de idade, deles 87,8% se declararam felizes ou muito felizes. Tal número se reduz para 84,9% para os trabalhadores que começaram com idade entre 12 e 17 anos, e se torna menor ainda para indivíduos que começaram a trabalhar antes dos 12 anos (79%). Contudo, o pior desempenho se dá novamente para pessoas que começaram a trabalhar após os 25 anos de idade. Dessas, apenas 77,7% se dizem felizes ou muito felizes. Ou seja, ao contrário do que pensa o senso comum, parece que começar a trabalhar mais tarde é pior para a felicidade do indivíduo do que começar a trabalhar mais cedo.

TABELA 7
Nível de felicidade e idade em que o trabalhador começou a trabalhar
(Em %)

Trabalhador começou a trabalhar com	Muito infeliz	Infeliz	Pouco feliz	Feliz	Muito feliz
Idade <= 12 anos	5,3	3,9	11,8	65,8	13,2
12 < idade <= 17 anos	3,9	1,9	9,3	59,9	25,0
17 < idade <= 25 anos	3,6	1,8	6,8	56,3	31,5
Idade > 25 anos	0,0	11,1	11,1	33,3	44,4

Outra questão interessante refere-se ao gênero: será que homens e mulheres diferem em seu nível de felicidade? A tabela 8 explora essa relação. De maneira surpreendente os homens parecem estar mais infelizes que as mulheres. Enquanto 2,6% das mulheres se dizem muito infelizes, esse número sobe para 5,3% entre os homens. Em relação ao sexo feminino, 4,4% se dizem infelizes ou muito infelizes. Mas para os homens esse número chega a 7,7%, mostrando que os homens encontram-se mais deprimidos do que as mulheres em nossa sociedade. Além disso, enquanto 28,2% das mulheres se consideram muito felizes, esse número se reduz para 25,9% no caso dos homens.

TABELA 8
Felicidade e gênero
(Em %)

Gênero	Muito infeliz	Infeliz	Pouco feliz	Feliz	Muito feliz
Feminino	2,6	1,8	9,3	58,1	28,2
Masculino	5,3	2,4	7,3	59	25,9

A tabela 9 expõe a relação entre felicidade e raça. De maneira geral os resultados são extremamente similares. A única diferença digna de nota encontra-se no extremo da tabela 9: 29,4% das pessoas brancas se declararam muito felizes, contra 25,7% dos não brancos.

TABELA 9
Felicidade e raça
(Em %)

Raça	Muito infeliz	Infeliz	Pouco feliz	Feliz	Muito feliz
Não branca	3,9	1,9	8,6	59,8	25,7
Branca	3,6	2,3	8	56,6	29,4

E o que podemos dizer do estado civil? Será que os casados vivem melhor do que os solteiros? A tabela 10 tenta responder essa pergunta. Entre os solteiros 5,6% se declararam muito infelizes ou infelizes, número esse que sobe para 6,5% no caso dos casados. Na outra ponta da tabela 10, 85,9% dos solteiros se declararam muito felizes ou felizes, contra 84,5% dos casados. Os resultados estão muito próximos, mas mostram que os solteiros não estão em pior situação de felicidade do que os casados. Contudo, deve-se ressaltar que os casados dominam as pontas da tabela 10, ou seja, estão entre os mais muito infelizes e também entre os mais muito felizes. Parece que quando o casamento é com a pessoa certa o nível de felicidade dos casados sobe muito, o inverso ocorrendo quando o casamento não passa por uma boa fase.

TABELA 10
Felicidade e estado civil
(Em %)

Estado civil	Muito infeliz	Infeliz	Pouco feliz	Feliz	Muito feliz
Solteiro	3,7	1,9	8	60,4	25,9
Casado (ou como se fosse)	4,1	2,4	9	55,5	29

Filhos trazem felicidade? A tabela 11 explora a relação entre pessoas que têm filhos e seu respectivo nível de felicidade. De maneira geral os resultados são muito próximos, mas devemos ressaltar que, enquanto 5,4% das pessoas que não têm filhos se declararam muito infelizes ou infelizes, esse número sobe para 6,4% no caso das pessoas com filhos.

TABELA 11
Felicidade e filhos
 (Em %)

Tem filhos	Muito infeliz	Infeliz	Pouco feliz	Feliz	Muito feliz
Não	3,6	1,8	8	59,5	27
Sim	4,2	2,2	9	57,4	27

Educação traz felicidade? A tabela 12 busca essa correlação. Os dados mostram a existência de uma relação não linear entre educação e felicidade. Temos que tanto níveis muito baixos como muito altos de educação estão associados a taxas altas de infelicidade. Por exemplo, das pessoas com o ensino fundamental incompleto, 14,3% se disseram muito infelizes ou infelizes. Número esse que alcança incríveis 15,1% para indivíduos com apenas o nível fundamental. Porém, mais espantoso ainda é o fato de que 15,4% dos doutores se declararam muito infelizes. Esse mesmo número é de apenas 5,4% (4,4%) para mestres (especialistas). Dos indivíduos com curso superior completo 5,8% se declararam muito infelizes ou infelizes. Dessa maneira, podemos notar que níveis muito altos ou muito baixos de educação estão associados a baixo nível de felicidade.

TABELA 12
Felicidade e nível educacional
 (Em %)

Nível educacional	Muito infeliz	Infeliz	Pouco feliz	Feliz	Muito feliz
Fundamental incompleto	11,1	3,2	15,9	52,4	17,5
Fundamental completo	12,1	3	3	51,5	30,3
Médio incompleto	2,1	2,1	6,3	63,1	26,3
Médio completo	2,1	0,05	8,9	57,9	30,5
Superior incompleto	3	2,8	8,2	60,6	25,3
Superior completo	3,4	2	6,8	53,4	34,2
Especialista	4,3	0,1	8,7	58,7	27,1
Mestre	5,4	0	8,1	56,7	29,7
Doutor	15,4	0	7,7	69,2	7,7

A tabela 13 mostra a relação entre religiosidade e felicidade. Parece que pessoas que frequentam igrejas ou cultos religiosos são mais felizes que ateus. Enquanto 6,6% dos ateus se disseram muito infelizes ou infelizes, esse número se reduz para 5,5% entre os que frequentam igrejas ou cultos religiosos. Além disso, dos que frequentam igrejas ou cultos, 29,2% se disseram muito felizes contra 23,3% dos que não frequentam.

TABELA 13
Felicidade e religiosidade
(Em %)

Frequenta igrejas ou cultos religiosos	Muito infeliz	Infeliz	Pouco feliz	Feliz	Muito feliz
Não	4,4	2,2	9,9	60,1	23,3
Sim	3,5	2	7,6	57,7	29,2

Será que a frequência sexual aumenta a felicidade? A tabela 14 mostra a relação entre frequência sexual e felicidade. Das pessoas que responderam ter menos de uma relação sexual por semana, 8,9% se disseram muito infelizes ou infelizes, esse número se reduz para 4,3% para pessoas com uma frequência sexual semanal entre uma e duas vezes. Além disso, dos que disseram ter menos de uma relação sexual por semana, apenas 79,9% se disseram muito felizes ou felizes, contra 88% dos que têm entre uma e duas relações semanais.

TABELA 14
Felicidade e frequência sexual
(Em %)

Frequência sexual semanal	Muito infeliz	Infeliz	Pouco feliz	Feliz	Muito feliz
Não tenho relações	4	2,4	12	50,4	31,2
Menos de uma vez	5,5	3,4	11	57,9	22
Entre uma e duas vezes	2,3	2	7,6	64,1	23,9
Três vezes	5	2,3	7,8	53,9	30,8
Quatro ou mais vezes	4,3	0,7	7,9	58,2	28,7
Não responderam essa questão	3,4	1,7	6,8	59,7	28,4

A tabela 15 mostra a relação entre felicidade e o número de parceiros sexuais nos últimos 12 meses. Fica claro que a estabilidade sexual, isto é, a manutenção de um pequeno número de parceiros sexuais afeta positivamente a felicidade. Entre as pessoas que tiveram seis ou mais parceiros nos últimos 12 meses, 11,2% se declararam muito infelizes ou infelizes, número esse que é de apenas 5,1% para indivíduos que tiveram um único parceiro nos últimos 12 meses.

TABELA 15
Felicidade e número de parceiros sexuais nos últimos 12 meses
(Em %)

Número de parceiros nos últimos 12 meses	Muito infeliz	Infeliz	Pouco feliz	Feliz	Muito feliz
Nenhum	5,3	2,3	9	52,2	31,1
Apenas um	3,2	1,9	8,4	58,5	27,9
Apenas dois	0,7	3,1	8,6	63	24,4
Apenas três	5,2	0	3,9	65,8	25
Entre quatro e cinco	5,9	2,9	13,2	55,9	22
Seis ou mais	9,8	1,4	7	56,3	25,3

Será que com o envelhecimento a pessoa se torna mais depressiva, e consequentemente menos feliz? A tabela 16 verifica o impacto da idade sobre o nível de felicidade. De maneira curiosa, o problema da idade parece justamente o inverso. Isto é, são os jovens (e não os adultos ou idosos) os mais infelizes da nossa amostra. Entre os indivíduos com menos de 21 anos de idade 6,4% se declararam muito infelizes ou infelizes. Tal número é de 4,5% para pessoas com mais de 45 anos de idade.

TABELA 16
Felicidade e idade
(Em %)

Idade da pessoa	Muito infeliz	Infeliz	Pouco feliz	Feliz	Muito feliz
Idade <= 21 anos	4,6	1,8	6,4	49,8	37,3
21 < idade <= 28 anos	5	2,4	7,7	61,8	23
28 < idade <= 35 anos	2,6	1,9	12,8	58,6	24,1
35 < idade <= 45 anos	2,8	2,2	7,3	58,7	28,8
Idade > 45 anos	3	1,5	6,1	63	26,1

5 RESULTADOS ECONOMETRÍCOS

Esta parte do artigo realiza procedimentos econométricos mais sofisticados para encontrar os determinantes da felicidade, da frequência sexual e do número de parceiros de um indivíduo. A parte econométrica segue de perto o procedimento estatístico sugerido por Blanchflower e Oswald (2004). Na tabela 17 apresentamos o resultado para a variável dependente felicidade por Mínimos Quadrados Ordinários (MQO). Além disso, tal como em Blanchflower e Oswald (2004), aqui foram utilizados dois conjuntos de variáveis explicativas para verificar a robustez econométrica dos resultados. As regressões também foram estimadas para toda amostra, e depois separadamente para homens e mulheres. O objetivo desse procedimento é verificar se o conjunto de variáveis explicativas se comporta de maneira equivalente para ambos os sexos.

De acordo com os resultados presentes na tabela 17, temos que existem importantes diferenças nos determinantes da felicidade do homem e da mulher. Por exemplo, na regressão para todos, temos que os homens são mais infelizes do que as mulheres. Além disso, enquanto a renda tem efeito positivo e estatisticamente significativo sobre a felicidade dos homens, tal efeito não é significativo para o caso das mulheres. Por outro lado, a religiosidade é uma importante variável para determinar o nível de felicidade das mulheres. Contudo, religiosidade não é importante na equação de felicidade para homens. Interessante notarmos também que pessoas invejosas são mais infelizes.

TABELA 17
Regressões por MQO para a variável dependente felicidade

Variável	Todos	Todos	Homens	Homens	Mulheres	Mulheres
Idade	-.027 (.125)	-.019 (.320)	-.044 (.100)	-.032 (.266)	-.012 (.633)	-.005 (.840)
Idade ²	.0003 (.133)	.0002 (.289)	.0005 (.133)	.0004 (.250)	.0001 (.565)	.0001 (.752)
Homem	-.154 (.015)	-.136 (.036)	-	-	-	-
Branco	-.033 (.590)	-.022 (.719)	-.020 (.835)	-.015 (.879)	-.042 (.605)	-.035 (.662)
Anos de educação	-.008 (.281)	-.007 (.351)	-.015 (.182)	-.022 (.065)	-.0008 (.931)	.007 (.502)
Frequência sexual semanal	.035 (.171)	.037 (.162)	.048 (.239)	.046 (.271)	.020 (.551)	.023 (.517)
Um único parceiro	.079 (.240)	.044 (.523)	.085 (.407)	.047 (.652)	.048 (.599)	.036 (.697)
Trabalha meio período	-.007 (.931)	-.086 (.425)	-.118 (.383)	-.095 (.594)	.083 (.410)	-.144 (.289)
Desempregado	-.116 (.325)	-.335 (.108)	-.146 (.519)	-.061 (.860)	-.093 (.482)	-.753 (.004)
Casado	-.132 (.074)	-.119 (.130)	-.105 (.363)	-.082 (.502)	-.143 (.135)	-.161 (.113)
Renda	.069 (.008)	.047 (.087)	.105 (.008)	.091 (.033)	.029 (.395)	.00008 (.998)
Duração da jornada de trabalho semanal		-.006 (.150)		-.001 (.814)		-.014 (.010)
Setor formal		.045 (.563)		.192 (.125)		-.122 (.224)
Tem filhos		.002 (.979)		-.080 (.560)		.077 (.449)
Religião		.095 (.146)		.020 (.834)		.175 (.052)
Fuma		-.030 (.749)		-.030 (.816)		.028 (.848)
Bebe		.045 (.498)		.070 (.469)		.012 (.894)
Aceita suborno		.103 (.293)		.197 (.177)		.029 (.827)
Aceita favores ilegais		-.128 (.093)		-.055 (.656)		-.208 (.029)
Troca de parceiro se ganhar na Mega-Sena		.169 (.034)		.201 (.098)		.163 (.123)
Inveja (fica feliz com a desgraça alheia)		-.281 (.005)		-.346 (.017)		-.219 (.134)
Observações	913	893	457	446	459	447
R ² ajustado	0,8%	2,48%	0,8%	2,28%	-0,95%	2,03%
F	F(11, 901) = 1.67	F(21, 871) = 2.08	F(10, 443) = 1.37	F(20, 425) = 1.52	F(10, 448) = 0.57	F(20, 426) = 1.46

Nota: Os valores entre parênteses são os valores-p.

A estimativa por MQO, contudo, não é a mais adequada, dada a estrutura ordenada da variável dependente felicidade; um procedimento econométrico que leve em conta tal ordenamento é estatisticamente superior. Dessa maneira, e novamente seguindo Blanchflower e Oswald (2004), reestimamos a equação de felicidade, mas desta vez usando um procedimento econométrico conhecido por *logit* ordenado. O *logit* ordenado leva em consideração a estrutura de ordenamento da variável dependente felicidade, produzindo resultados econométricos mais confiáveis. A estimativa da equação de felicidade pelo método de *logit* ordenado esta descrita na tabela 18.

De acordo com os dados presentes na tabela 18, podemos confirmar que os determinantes da felicidade são distintos para homens e mulheres. Devemos notar que o aumento da idade diminui a felicidade de todos, contudo tal efeito só é estatisticamente significativo para os homens. Além disso, a regressão para todos confirma novamente que homens são mais infelizes do que mulheres. De maneira intrigante, o aumento da escolaridade afeta negativamente os homens, mas não tem efeito estatístico sobre as mulheres. Novamente, a renda parece ser muito mais importante para a felicidade do homem do que para a felicidade da mulher. Por outro lado, jornadas de trabalho longas diminuem o nível de felicidade das mulheres, mas não têm efeito sobre o nível de satisfação dos homens. Além disso, a religiosidade parece ser um importante determinante da felicidade feminina, mas sem efeito sobre a felicidade masculina. Outro detalhe importante é a comprovação de que pessoas invejosas são também mais infelizes.

TABELA 18
Regressões por *logit* ordenado para a variável dependente felicidade

Variável	Todos	Todos	Homens	Homens	Mulheres	Mulheres
Idade	-.095 (.014)	-.082 (.055)	-.108 (.047)	-.101 (.097)	-.095 (.110)	-.075 (.244)
Idade ²	.001 (.030)	.0009 (.081)	.001 (.089)	.001 (.132)	.001 (.131)	.0009 (.244)
Homem	-.268 (.056)	-.242 (.096)	-	-	-	-
Branco	.013 (.923)	.038 (.782)	.012 (.952)	.035 (.862)	.041 (.830)	.072 (.719)
Anos de educação	-.032 (.064)	-.029 (.112)	-.043 (.070)	-.056 (.026)	-.018 (.460)	.002 (.917)
Frequência sexual semanal	.091 (.112)	.119 (.046)	.105 (.214)	.128 (.148)	.081 (.337)	.103 (.249)
Um único parceiro	.171 (.253)	.100 (.511)	.169 (.424)	.085 (.692)	.140 (.526)	.114 (.622)
Trabalha meio período	.052 (.770)	-.172 (.472)	-.192 (.489)	-.180 (.620)	.247 (.306)	-.328 (.321)
Desempregado	-.099 (.706)	-.705 (.132)	.023 (.962)	.149 (.839)	-.125 (.696)	-1.835 (.005)
Casado	-.203 (.211)	-.231 (.181)	-.136 (.563)	-.179 (.475)	-.246 (.287)	-.307 (.217)
Renda	.206 (.000)	.162 (.009)	.236 (.004)	.231 (.010)	.173 (.038)	.087 (.333)
Duração da jornada de trabalho semanal		-.017 (.063)		-.006 (.639)		-.037 (.006)

(continua)

(continuação)

Setor formal	.134 (.437)	.358 (.164)	-.194 (.425)			
Tem filhos	.050 (.786)	.007 (.980)	.157 (.528)			
Religião	.303 (.036)	.140 (.476)	.535 (.015)			
Fuma	-.094 (.650)	-.107 (.681)	.010 (.977)			
Bebe	.088 (.553)	.031 (.874)	.138 (.554)			
Aceita suborno	.267 (.224)	.373 (.219)	.193 (.565)			
Aceita favores ilegais	-.382 (.026)	-.070 (.789)	-.688 (.004)			
Troca de parceiro se ganhar na Mega-Sena	.293 (.102)	.344 (.179)	.341 (.191)			
Inveja (fica feliz com a desgraça alheia)	-.615 (.006)	-.696 (.023)	-.634 (.069)			
Cut 1	-4.771	-4.941	-4.593	-4.328	-5.001	-5.925
Cut 2	-4.323	-4.506	-4.198	-3.925	-4.437	-5.410
Cut 3	-3.306	-3.459	-3.416	-3.116	-3.085	-3.984
Cut 4	-.527	-.612	-.621	-.255	-.302	-1.061
Observações	913	893	454	446	459	447
Pseudo R ²	1,08%	2,55%	1,42%	2,87%	0,97%	3,91%
LR	chi ² (11) = 21.60	chi ² (21) = 49.86	chi ² (10) = 14.34	chi ² (20) = 28.65	chi ² (10) = 9.48	chi ² (20) = 37.19

Nota: Os valores entre parênteses são os valores-p.

A tabela 19 usa novamente o procedimento de *logit* ordenado, mas agora dividindo a amostra por faixa etária. A ideia desse procedimento é verificar se os determinantes da felicidade de pessoas adultas são similares aos determinantes da felicidade de pessoas jovens. De acordo com os resultados presentes na tabela 19 temos que enquanto o aumento da idade afeta negativamente a felicidade dos mais jovens, esse mesmo aumento não tem efeito estatisticamente significativo sobre a felicidade das pessoas com 40 anos ou mais. De maneira curiosa temos que o nível de felicidade dos homens abaixo de 40 anos é similar ao nível de felicidade das mulheres. Contudo, após os 40 anos, os homens se tornam mais infelizes do que as mulheres. Também é digno de nota que a frequência semanal de sexo não parece afetar a felicidade dos mais jovens, porém afeta positivamente a felicidade dos mais velhos. Apesar de a duração da jornada de trabalho reduzir a felicidade dos mais novos, ela não tem efeito sobre o nível de felicidade dos mais velhos. Temos também que, para os mais velhos, estar trabalhando no setor formal aumenta o nível de felicidade. A religiosidade parece ser mais importante para os mais novos, sendo que jovens que frequentam a igreja ou cultos religiosos são mais felizes.

TABELA 19

Regressões por *logit* ordenado para a variável dependente felicidade

Variável	Menores de 40 anos	Menores de 40 anos	40 anos ou mais	40 anos ou mais
Idade	-.330 (.004)	-.272 (.020)	.162 (.521)	.014 (.957)
Idade ²	.005 (.008)	.004 (.031)	-.001 (.558)	.0001 (.952)
Homem	-.223 (.149)	-.194 (.221)	-.662 (.070)	-.653 (.119)
Branco	.067 (.659)	.091 (.559)	-.115 (.740)	-.222 (.544)
Anos de educação	-.024 (.196)	-.023 (.245)	-.080 (.071)	-.063 (.182)
Frequência sexual semanal	.072 (.247)	.103 (.115)	.420 (.013)	.409 (.022)
Um único parceiro	.287 (.073)	.224 (.174)	-.770 (.109)	-.661 (.190)
Trabalha meio período	.071 (.707)	-.234 (.366)	-1.172 (.060)	-.694 (.379)
Desempregado	-.177 (.531)	-1.059 (.043)	.411 (.566)	1.364 (.283)
Casado	-.269 (.136)	-.239 (.213)	.042 (.922)	-.130 (.778)
Renda	.195 (.003)	.166 (.019)	.316 (.014)	.239 (.100)
Duração da jornada de trabalho semanal		-.023 (.039)		.009 (.689)
Setor formal		-.041 (.823)		1.272 (.026)
Tem filhos		-.059 (.763)		.697 (.254)
Religião		.332 (.040)		.367 (.310)
Fuma		-.118 (.606)		-.099 (.859)
Bebe		.146 (.375)		-.108 (.786)
Aceita suborno		.241 (.292)		1.748 (.047)
Aceita favores ilegais		-.367 (.046)		-.538 (.328)
Troca de parceiro se ganhar na Mega-Sena		.133 (.496)		1.056 (.031)
Inveja (fica feliz com a desgraça alheia)		-.671 (.005)		.074 (.920)
Cut 1	-7.677	-7.688	.811	.159
Cut 2	-7.236	-7.263	1.300	.656
Cut 3	-6.226	-6.225	2.406	1.833
Cut 4	-3.502	-3.437	5.758	5.442
Observações	746	728	167	165
Pseudo R ²	1,40%	2,80%	4,90%	9,58%
LR	chi2(11) = 23.25	chi2(21) = 45.41	chi2(11) = 16.56	chi2(21) = 32.23

Nota: Os valores entre parênteses são os valores-p.

A tabela 20 estima outra vez a equação de felicidade pelo método *logit* ordenado. Contudo, agora é feita uma divisão da amostra de acordo com a escolaridade dos indivíduos. Este procedimento ilustra que os determinantes da felicidade dependem do grau de escolaridade das pessoas. Pessoas com mais anos de estudo parecem valorizar um conjunto de atributos diferente do das pessoas com baixa escolaridade.

De acordo com os resultados presentes na tabela 20, temos que homens com alta escolaridade são menos felizes do que mulheres com alta escolaridade, mas esse efeito é estatisticamente nulo para o caso dos indivíduos com baixa escolaridade. Devemos destacar que, pela primeira vez, para o caso de indivíduos com baixa escolaridade, temos que brancos são mais felizes do que não brancos. Esse efeito não se repete no caso dos indivíduos mais letrados. Dessa maneira, esse resultado pode estar indicando algum tipo de discriminação contra não brancos. Para as pessoas com baixa escolaridade, estudar mais aumenta a felicidade. Sendo que o inverso ocorre para pessoas com alta escolaridade. A atividade sexual parece ser mais importante para indivíduos com baixa escolaridade do que para indivíduos com alta escolaridade. De maneira surpreendente, os menos educados não parecem se preocupar muito com a renda. Já para os mais educados a renda é um importante determinante da felicidade. A religião também parece ser um importante determinante da felicidade dos indivíduos com mais anos de educação. Entre as pessoas com baixa escolaridade, temos que a bebida afeta negativamente seu nível de felicidade.

TABELA 20
Regressões por *logit* ordenado para a variável dependente felicidade^a

Variável	No máximo segundo grau completo		No mínimo superior incompleto	
Idade	-.075 (.173)	-.033 (.602)	-.074 (.197)	-.069 (.260)
Idade ²	.0009 (.195)	.0003 (.666)	.0008 (.270)	.0007 (.348)
Homem	-.199 (.436)	.055 (.840)	-.275 (.104)	-.299 (.087)
Branco	.557 (.040)	.596 (.038)	-.105 (.525)	-.089 (.595)
Anos de educação	.102 (.019)	.104 (.025)	-.093 (.000)	-.075 (.006)
Frequência sexual semanal	.314 (.004)	.357 (.001)	-.019 (.780)	.004 (.957)
Um único parceiro	.007 (.977)	-.253 (.368)	.279 (.128)	.287 (.127)
Trabalha meio período	.300 (.438)	.013 (.979)	-.015 (.941)	-.210 (.462)
Desempregado	-.056 (.896)	-.519 (.524)	-.104 (.756)	-.723 (.221)
Casado	-.31 (.277)	-.184 (.561)	-.110 (.580)	-.208 (.329)
Renda	.108 (.380)	.060 (.665)	.233 (.002)	.206 (.008)
Duração da jornada de trabalho semanal		-.015 (.352)		-.015 (.191)
Setor formal		.103 (.711)		.049 (.834)
Tem filhos		-.113 (.751)		.115 (.605)

(continua)

(continuação)

Religião		.173 (.558)		.417 (.014)
Fuma		-.315 (.357)		.032 (.903)
Bebe		-.481 (.092)		.263 (.147)
Aceita suborno		-.082 (.814)		.246 (.411)
Aceita favores ilegais		-.225 (.476)		-.468 (.027)
Troca de parceiro se ganhar na Mega-Sena		.603 (.043)		.078 (.740)
Inveja (fica feliz com a desgraça alheia)		-.804 (.030)		-.373 (.203)
Cut 1	-2.752	-2.786	-5.602	-5.659
Cut 2	-2.396	-2.480	-5.100	-5.155
Cut 3	-1.303	-1.254	-4.089	-4.139
Cut 4	1.490	1.756	-1.213	-1.217
Observações	261	255	652	638
Pseudo R^2	4,51%	8,56%	1,70%	2,87%
LR		$\chi^2(11) = 26.81$	$\chi^2(21) = 49.38$	$\chi^2(11) = 23.78$ $\chi^2(21) = 39.51$

Nota: Os valores entre parênteses são os valores-p.

6 CONCLUSÕES

A felicidade vem sendo, ao longo do tempo, um dos objetos de maior interesse para a humanidade, representando, para a maioria das pessoas, o próprio objetivo da vida. O estudo desse tema, apesar de ter a maior parte de suas iniciativas apoiadas nas investigações feitas no âmbito da psicologia, vem se tornando um importante campo de discussão dentro da economia.

Tendo voltado os olhos para o estudo de fatores subjetivos da vida dos indivíduos durante seus primeiros passos, a economia abandonou esse viés nos anos 1930, quando passou a estudar essencialmente os fatores mais objetivos – como a preferência dos indivíduos e seus mecanismos de escolha. Essa visão somente foi retomada algumas décadas depois, por força da constatação da forte influência dos fatores subjetivos sobre a vida das pessoas.

A realização de trabalhos científicos empíricos, como os associados ao estudo da felicidade, até recentemente enfrentavam dificuldades por força dos questionamentos acerca do fato de dados de natureza tão subjetiva estarem sendo coletados diretamente junto a respondentes; entretanto, as discussões metodológicas acerca do emprego e da validade desse tipo de mecanismo de coleta já estão superadas, havendo atualmente aceitação generalizada dos procedimentos adotados na área.

A despeito das dificuldades enfrentadas, o grande número de pesquisas desenvolvidas nessa área, notadamente na última década, trouxe o aumento da literatura e dos bancos de dados disponíveis associados à satisfação e felicidade dos indivíduos, viabilizando significativa ampliação das fronteiras do conhecimento na área.

Importantes avanços já ocorreram e muitos resultados valiosos foram obtidos, entretanto, muito ainda precisa ser feito. No caso específico do Brasil, poucas iniciativas na direção desses estudos foram tomadas, devendo-se observar que, até muito recentemente, nenhum trabalho científico, voltado para a coleta e análise de dados associados à felicidade, foi identificado no país.

Tendo sido elaborado com fim específico de apresentar alguns aspectos importantes associados ao estudo da felicidade, este trabalho teve como objeto central trazer à luz esclarecimentos gerais acerca do estudo do tema. Foram abordadas particularidades associadas à forma como a felicidade é percebida e os ângulos sob os quais deve ser observada. O estudo tratou, ainda, dos mecanismos através dos quais são desenvolvidas pesquisas nessa área – apresentou resumidamente a evolução dos estudos econômicos ligados ao tema, de modo a levar os pesquisadores interessados a refletirem sobre o grau de dificuldade que enfrentarão ao longo do desenvolvimento desse tipo de pesquisa, a qual não pode ser abandonada nem mesmo por força dos problemas a serem vencidos, dada a sua grande importância para todos os indivíduos.

REFERÊNCIAS

BALLAS, D.; DORLING, D. Measuring the impact of major life events upon happiness. *International Journal of Epidemiology*. Oxford University Press, Sep. 2007.

BLANCHFLOWER, D. G. *International evidence on well-being*. The Institute for the Study of Labor (IZA). Feb. 2008 (Discussion Paper, n. 3.354).

BLANCHFLOWER, D. G.; OSWALD, A. J. Well-being over time in Britain and the USA. *Journal of Public Economics*, Jun. 2002.

_____. Money, sex and happiness: an empirical study. *Scandinavian Journal of Economics*, 2004.

_____. Hypertension and happiness across nations. *Journal of Health Economics*. Feb. 2007a.

_____. *Is well-being u-shaped over the life cycle?* The Institute for the Study of Labor (IZA). Sep. 2007b (Discussion Paper, n. 3.075).

CLARK, A. E.; FRIJTERS, P.; SHIELDS, M. A. Relative income, happiness, and utility: an explanation for the easterlin paradox and other puzzles. *Journal of Economic Literature*, 2008.

CORBI, R. B.; MENEZES-FILHO, N. A. Os determinantes empíricos da felicidade no Brasil. *Revista de Economia Política*, v. 26, n. 4, out./dez. 2006.

DI TELLA, R.; MACCULLOCH, R. J. Gross national happiness as an answer to the easterlin paradox? *Journal of Development Economics*, Apr. 2005.

FREY, S. B. *Happiness: a revolution in economics*. MIT Press Books, 2008.

FREY, S. B.; STUTZER, A. Happiness, economy and institutions. *The Economic Journal*, Oct. 2000.

GRAHAM, C. Some insights on development from the economics of happiness. *World Bank Research Observer*, Apr. 2005.

MICHALOS, A. C. *Education, happiness and wellbeing*. Paper presented at International Conference on 'Is happiness measurable and what do those measures mean for public policy?' Apr. 2007.

NORRISH, J. M.; VELLA-BRODRICK, D. A. Is the study of happiness a worthy scientific pursuit? *Social Indicators Research*. Jun. 2007.

PRAAG, B. M. S. Perspectives from the happiness literature and the role of new instruments for policy analysis. *CESifo Economic Studies*, v. 53, Feb. 2007.

SHIKIDA, P. F. A.; RODRIGUES, O. A. R. Economia e felicidade: uma análise regional sob a perspectiva rural e urbana. *Diálogo Econômico*, n. 2, out. 2004.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BECCHETTI, L.; BEDOYA, D. A. L.; TROVATO, G. *Income, relational goods and happiness*. Tor Vergata University, CEIS, Departmental Working Papers, 2006.

BLANCHFLOWER, D. G.; OSWALD, A. J. *The rising well-being of the young*. Paper presented at Conference on disadvantaged youth. Dec. 1999.

DI TELLA, R.; MACCULLOCH, R. J.; OSWALD, A. J. The macroeconomics of happiness. *The Review of Economics and Statistics*, Nov. 2003.

DRAKOPOULOS, S. A. *The paradox of happiness: towards an alternative explanation*. University of Athens. Nov. 2008. Disponível em: <<http://mpa.ub.uni-muenchen.de/6870/>> Acessado em 19 out. 2009.

FREY, S. B.; STUTZER, A. What can economists learn from happiness research? *Journal of Economic Literature*, Jun. 2002.

GUL, F.; PESENDORFER, W. Welfare without happiness. *AEA papers and proceedings*. May 2007.

HAYBRON, D. Life satisfaction, ethical reflection, and the science of happiness. *Journal of Happiness Studies*, 2007.

HUDSON, J. Institutional trust and subjective wellbeing across the EU. *KYKLOS – International Review for Social Sciences*, v. 59, 2006.

KŐSZEGI, B.; RABIN, M. Choices, situations and happiness. *Journal of Public Economics*. Apr. 2008.

MCBRIDE, M. *Money, happiness, and aspirations: an experimental study*. Draft. University of California-Irvine, Mar. 2007 (Working Paper).

POWDTHAVEE, N. Economics of happiness: a review of literature and applications. *Journal of Economics*, Mar. 2007.

RAYO, L.; BECKER, G. S. Habits, peers, and happiness: an evolutionary perspective. *AEA Papers and Proceedings*, May 2007.

STEVENSON, B.; WOLFERS, J. The paradox of declining female happiness. *The Economic Journal: Economic Policy*, Sept. 2007.

WAIT, L. J.; LUO, Y.; LEWIN, C. Marital happiness and marital stability: consequences for psychological well-being. *Social Science Research*, Aug. 2008.

© Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea 2010

EDITORIAL

Coordenação

Iranilde Rego

Supervisão

Andrea Bossle de Abreu

Revisão

Lucia Duarte Moreira

Eliezer Moreira

Elisabete de Carvalho Soares

Fabiana da Silva Matos

Gilson Baptista Soares

Míriam Nunes da Fonseca

Editoração

Roberto das Chagas Campos

Aeromilson Mesquita

Camila Guimarães Simas

Carlos Henrique Santos Vianna

Aline Cristine Torres da Silva Martins (estagiária)

Livraria do Ipea

SBS – Quadra 1 – Bloco J – Ed. BNDES, Térreo

70076-900 – Brasília – DF

Fone: (61) 3315-5336

Correio eletrônico: livraria@ipea.gov.br

Tiragem: 130 exemplares